

O ALÉM DO HOMEM DE NIETZSCHE: UMA PONTE PARA QUEM?

Eduardo Bezerra de Menezes Macedo e Silva¹

Resumo

O pensamento do alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche é amplamente acolhido e difundido no meio acadêmico e vigorosamente propagandeado entre os entusiastas da filosofia ocidental. Dono duma retórica envolvente e agressiva, Nietzsche constrói seu discurso a partir de estruturas metafóricas, parabólicas e aforísticas que atraem tanto pela inegável qualidade literária quanto pelo forte apelo passional. Entretanto, não menos notável é o caráter contraditório de seus posicionamentos, especialmente quando situados nos campos da moral e da política, o que tem lhe rendido, desde sempre, interpretações as mais variadas e adeptos das mais diversas correntes filosóficas, inclusive, diametralmente conflitantes. Mas o elo que une alguns destes contrários e interessa ao nosso trabalho é o suposto viés libertário da sua filosofia. Neste artigo pretendemos fazer uma breve exposição de excertos do trabalho do filólogo tomando-o da maneira mais literal possível e deixando de lado a inclinação exegética tão característica àqueles que tentam dar ao nietzschianismo cores progressistas, objetivando, desta forma, mostrar sua clara intenção exclusivista e seu incontestável gosto aristocrático.

Palavras-chaves: Nietzsche. Moral do escravo. Classes sociais.

NIETZSCHE'S OVERMAN: A BRIDGE FOR WHOM?

Abstract

The thought of the german Friedrich Wilhelm Nietzsche is widely accepted and diffused in academia and vigorously propagandized among enthusiasts of the western philosophy. Nietzsche builds his speech over metaphoric, parabolic and aphoristic structures that attract both by incontestable literary quality and strong and passionate appellation. However, no less considerable is the contradictory character of his positions, especially when they're placed at the fields of morality and politics, what has always earned to him the most varied interpretations and adepts of quite different philosophical currents, including those that are frankly opposed. But the link that unites some of these opposites and interests our work is the supposed libertarian aspect of his philosophy. In this article we intend to make a brief exposition of excerpts from the work of the philologist taking them in the most possible literal way and leaving aside the exegetical inclination so present in those who try to give nietzschianism progressive colors, in order to show its clear exclusivist intention and uncontestable aristocratic taste.

Keywords: Nietzsche. Slave morality. Social classes.

¹ Graduado em tecnologia em mecatrônica pelo Instituto Federal do Ceará - IFCE. Pesquisador autodidata de filosofia, com área de concentração: períodos moderno e contemporâneo, correntes do racionalismo e do materialismo. E-mail: eduardomacedobms@gmail.com

INTRODUÇÃO – O ALÉM DO HOMEM DE NIETZSCHE

A crítica à religião e aos correspondentes valores morais do ocidente tem sido os pontos mais alardeados do pensamento de Nietzsche. Oriundo duma família de tradição luterana, o autor foi absolutamente contrário ao dogmatismo religioso cristão que, conforme dizia, levava a uma existência niilista² que impedia o indivíduo forte de se libertar dum estado patológico de conformismo social, cerceando-o, por conseguinte, da liberdade necessária à sua *expansão*, à prática dos seus melhores instintos. Neste aspecto, sua filosofia se desenvolveu a partir do pressuposto imperioso de superação dos valores vigentes³ em nome duma nova moral que, segundo defendia, serviria à consequente gênese duma nova cultura humana, forte, criativa e madura o suficiente para levar a espécie⁴ a um estágio superior de desenvolvimento.

Com esse objetivo, em *Assim falou Zaratustra*, uma de suas obras mais populares, logo no preâmbulo o protagonista trata de anunciar a “morte de Deus”. (NIETZSCHE, 2002a, p. 25) Ora, se os valores adotados pela sociedade ocidental tinham origem na fundamentação cristã maniqueísta onde Deus é o sumo bem e, ao mesmo tempo, razão da existência do bem em si (sendo o mal sua ausência), com sua morte os valores igualmente expirados deveriam ser substituídos por outros novos, cuja gênese ficaria a cargo dum novo homem, o qual, dotado de nobreza espiritual e fortaleza de instintos, posicionar-se-ia para além do que se estabelecia por bem e mal, na medida da imposição da sua própria vontade.

Na mesma obra, no capítulo intitulado de “Das três transformações”, Nietzsche apresenta uma metáfora contendo três transmutações que o espírito humano deveria sofrer até atingir este novo grau evolutivo: uma transformação primeira em camelo, em seguida em leão e, por último, em criança. (NIETZSCHE,

² Niilismo, neste caso, volta-se à perspectiva niilista negativa, que nega os valores terrenos, palpáveis e imediatos, em favor de valores transcendentais.

³ André Comte-Sponville, em sua tese “A besta-fera, o sofista e o esteta” (BOYER, 1994, p. 44), bem lembra que aqueles valores aos quais Nietzsche intencionava destruir provinham, ao mesmo tempo, da Judéia, da Igreja, da Reforma Cristã, da Revolução Francesa e do socialismo (NIETZSCHE, 2005b, p. 68).

⁴ O termo espécie pode ser tomado de duas formas: um conjunto de indivíduos “iguais” entre si ou, conforme se aplica ao caso nietzschiano, uma estrutura hierarquizada de pessoas com diferentes papéis e posições sociais (e biológicas!).

2002a, p. 35) Tais metáforas são utilizadas para tratar de condutas pelas quais passaria o indivíduo que, impulsionado inicialmente por um desejo atávico de busca pela verdade, alcançaria ao fim um horizonte novo, para além de si e de todas as antigas convenções. Nos parágrafos seguintes faremos uma breve abordagem deste assunto.

Por camelo se define a conduta de aceitação passiva dos fardos⁵, do excesso de valores e verdades (e suas consequências) criados no transcorrer dos séculos e das sociedades, e aos quais se submetem todos os homens. “A força deste espírito está clamando por coisas pesadas, e das mais pesadas. Há o quer que seja pesado? – pergunta o espírito sólido. E ajoelha-se igual camelo e quer que o carreguem bem”. (NIETZSCHE, 2002a, p.35) Percebe-se, aqui, uma relação entre o pretenso comportamento acrítico e a postura de rebaixamento do animal de trabalho – observe-se o fato de que camelos e dromedários necessitam abaixar-se para serem carregados. O camelo é o animal que tudo transporta sem contestar e atravessa desertos carregado de verdades decadentes e inúteis ao seu desenvolvimento. Assim, urge livrar-se do peso e superar a si e, para tal, o espírito se transmuda em leão, figura responsável pelo abandono da aceitação em nome da negação ferina do que está estabelecido. O felino representa a liberdade adquirida pela contestação e o desejo impetuoso, a passagem do “tu deves” anterior para o “eu quero” atual; negando o disposto é que se afirma o que deve ser imposto, após a subsequente destruição do que ora foi negado. Porém, a isto se restringe o papel leonino, ele nada cria. A este fim apresenta-se a criança, ser ainda não moldado, não determinado por valores preexistentes, a quem exclusivamente cabe operar o *jogo da criação*, pois “é a inocência, e o esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira sobre si, um movimento, uma santa afirmação” ⁶. (NIETZSCHE, 2002a, p. 36)

⁵ A alusão à postura do animal de trabalho, cargueiro, é reforçada com a citação ao jumento em *Assim falou Zaratustra*, quando o animal aparece figurando uma postura de aceitação e abnegação, restringindo-se a dizer “sim” diante de qualquer situação.

⁶ Algumas breves considerações que mais valem como apêndice do que, propriamente, como conteúdo do artigo em questão: a transformação de camelo a leão evidencia a opção pela agressividade e pela força defendida por Nietzsche. Ao caráter cooperativo, manso e utilitário do ruminante, impõe-se a violência leonina – apologia predatória, belicismo. No tocante à terceira transformação, que valores poderia uma criança formular se na idade infantil o ser humano está totalmente comprometido pela falta de amadurecimento? Além do que, que grau de razão deteria um infante desprovido de pais, de tutores que, com conhecimento preexistente, empregam-se a orientá-lo e educá-lo de forma a contribuir com

Tendo passado por tais etapas, cumprindo o papel que cabe a cada uma das três transformações, o homem estaria apto a projetar-se para além de si próprio, alcançando o que o autor chama de “além do homem” – “super-homem”, *übermensch* – ponte responsável por levar a humanidade um passo à frente:

Eu vos apresento o Super-homem! O Super-homem é o sentido da terra. Diga a vossa vontade: seja o Super-homem, o sentido da terra. Exorto-vos, meus irmãos, a permanecer fiéis à terra e a não acreditar em quem vos fala de esperanças supraterestras. São envenenadores, quer o saibam ou não. (...) Noutros tempos, blasfemar contra Deus era a maior das blasfêmias; mas Deus morreu, e com ele morreram tais blasfêmias. (NIETZSCHE, 2002a, p. 25)

Aqui, através do personagem Zaratustra, o autor sugere a suplantação dos valores religiosos tradicionais fundamentados na transcendência em nome da *fidelidade à terra*⁷, condição na qual o homem tomaria as rédeas do próprio destino e moldaria o mundo ao seu redor calcado em ações autodeterminadas, com foco na vida sensível, nos seus próprios instintos. Daí pode-se inferir, à primeira vista, uma forte oposição à metafísica inaugurada por Platão, conseqüentemente, ao cristianismo, o qual não passaria – nas palavras do próprio Nietzsche – dum *platonismo popular*, exotérico, destinado aos homens comuns. (NIETZSCHE, 2005a, p. 8)

Conforme visto mais acima, o anticlericalismo nietzschiano decorreria do fato de que os séculos pelos quais passou a humanidade sob os ditames cristãos teriam servido para confundir fraqueza por força e degeneração por virtude, de modo que os valores que então alicerçavam (ao menos em tese) a sociedade europeia – como compaixão, humildade, altruísmo etc. – seriam fardo e dano à civilização e ao desenvolvimento cultural e levavam, fatalmente, à perene mediocridade. Estes valores “degenerados” seriam o fundamento daquilo que o filólogo chamava de *moral do escravo*⁸ e, porquanto eram adequados àqueles de espírito inferior, findavam por promover o “nivelamento por baixo” de todos os homens. Com base nisso, daqui por diante trataremos de expor o que para muitos é um ponto de vista ao passo que para

⁷ seu processo evolutivo? Dê-se uma folha em branco e lápis a uma criança imatura e ela não riscará nada além de garatuja – tábula rasa do irracionalismo.

⁸ Em *O anticristo* Nietzsche menciona o povo judeu como responsável pela desfiguração primeira dos valores naturais (NIETZSCHE, 2004, p. 59), sobre o que inferimos que tal fidelidade à terra nada mais é que a restauração destes valores, o que não deve ser considerado como uma afirmação materialista.

⁸ Ver o aforismo de número 260 de “Além do bem e do mal”.

nós é objetivamente claro: a crítica religiosa em Nietzsche é apenas um delgado afluente que desemboca no caudaloso rio de águas hierárquicas e antipopulares do seu pensamento.

BREVE EXPOSIÇÃO DO ARISTOCRATISMO NIETZSCHIANO

Visando dissipar a densa névoa que se origina no pressuposto nietzschiano da absoluta relativização do conhecimento e da verdade – resgate da tônica sofista do individualismo amoral – e se consolida enquanto mecanismo de defesa usado e abusado por seus exegetas, atenhamo-nos, a partir dum conjunto de excertos do próprio Nietzsche, a tomá-lo ao pé da letra, conforme sugestão de Alain Boyer em seu artigo “Hierarquia e verdade” (BOYER, 1994, p. 15). Começemos com o aforismo de número 260 do livro “Além do bem e do mal”:

Supondo que os violentados, oprimidos, prisioneiros, sofredores, inseguros e cansados de si moralizem: o que terão em comum suas valorações morais? Provavelmente uma suspeita pessimista face a toda a situação do homem achará expressão, talvez uma condenação do homem e da sua situação. O olhar de escravo não é favorável às virtudes do poderoso: é cético e desconfiado, tem finura na desconfiança frente a tudo “bom” que é honrado por ele – gostaria de convencer-se de que nele a própria felicidade não é genuína. Inversamente, as propriedades que servem para aliviar a existência dos que sofrem são postas em relevo e inundadas de luz: a compaixão, a mão solícita e afável, o coração cálido, a paciência, a diligência, a humildade, a amabilidade recebem todas as honras, pois são propriedades mais úteis no caso, e praticamente os únicos meios de suportar a pressão da existência. A moral dos escravos é essencialmente uma moral de utilidade. (NIETZSCHE, 2005a, p. 157-158)

A mencionada moral do escravo jamais poderia servir à criação dos novos valores nietzschianos, pois, de acordo com seu caráter utilitarista⁹, preconiza o bem-estar comum e a minimização dos sofrimentos com o objetivo de maximizar a sensação de felicidade. E como estas condições urgem pela abolição do que é considerado como mal – como a dor, as contingências, as turbulências que podem vir a acometer os homens – tal moral deve ser combatida, já que a edificação nietzschiana do homem depende duma valoração situada para além de bem e mal. Além e em consequência disso, é condição niveladora de todos, ao menos no âmbito teleológico. Nestes termos, no aforismo de número 228 da referida obra, onde o autor

⁹ Corrente filosófica do século XIX cujos representantes principais foram os ingleses Jeremy Bentham e Stuart Mill.

ataca e tenta invalidar o utilitarismo inglês denunciando sua *moral de rebanho*, sua falta de originalidade e seu suposto caráter etnocêntrico anglicista, ele vai além, e mais do que simplesmente demonstra que não concorda com os preceitos daquela corrente filosófica, Nietzsche confessa seu inconsequente relativismo moral¹⁰ e sua fixação pelo ordenamento hierárquico:

Não vejo ninguém na Europa que tenha (ou transmita) a noção de que o refletir sobre a moral pode ser realizado de maneira perigosa, insidiosa, sedutora (...) Vejam-se, por exemplo, os incansáveis e inevitáveis utilitaristas ingleses (...), todos eles querem que se dê razão à moralidade inglesa, na medida em que justamente com ela é servida a humanidade, ou “o benefício geral, “a felicidade da maioria”; não! A felicidade da Inglaterra. (...) Nenhum desses graves animais de rebanho (...) quer saber e sentir que o “bem-estar geral” não é um ideal, uma meta, uma noção talvez apreensível, mas apenas um vomitório – que o que é justo para um não pode absolutamente ser justo para outro, que a exigência de uma moral para todos é nociva precisamente para os homens elevados, em suma, que existe uma hierarquia entre homem e homem, e, em consequência, entre moral e moral. (NIETZSCHE, 2005a, p. 120-121)

Voltemos agora nossa atenção ao aforismo 44 da mesma obra. Nele Nietzsche insere a si próprio no círculo dos “homens superiores” (mencionados nos excertos anteriores como *poderosos* e *elevados*) e define quais as condições mais favoráveis ao desenvolvimento daquilo que considera como *elevação humana*¹¹:

Nós, os avessos, que abrimos os olhos e a consciência para a questão de onde e de que modo, até hoje, a planta “homem” cresceu mais vertiginosamente às alturas, acreditamos que isso sempre ocorreu nas condições opostas [à harmonia humana], que para isso a periculosidade da situação tinha de crescer até o extremo, sua força de invenção e dissimulação (seu “espírito”) tinha de converter-se, sob prolongada pressão e coerção, em algo fino e temerário, sua vontade de vida tinha de ser exacerbada até se tornar absoluta vontade de poder – acreditamos que dureza, violência, escravidão, perigo nas ruas e no coração, ocultamento, estoicismo, arte da tentação e diabolismo de toda espécie, tudo que há de mau, terrível, tirânico, tudo que há de animal de rapina e de serpente no homem serve tão bem à elevação da espécie “homem” quanto seu contrário. (NIETZSCHE, 2005a, p. 45)

Ora, se as contingências mais ferozes que abatem sociedades ou determinados estratos sociais das culturas humanas são exatamente fruto de condutas dos próprios homens – sejam elas guerras civis ou entre nações, condições

¹⁰ “Nada é real, tudo é permitido” (NIETZSCHE, 2005b, p. 191) pois “não existem fenômenos morais, apenas meras interpretações”. (NIETZSCHE, 2000, p. 199)

¹¹ Discursos como este fizeram com que Nietzsche, bem ou mal interpretado, conquistasse seu lugar no arcabouço teórico daqueles que posteriormente viriam a fundar as correntes políticas do totalitarismo contemporâneo, desde Mussolini e o trágico Terceiro *Reich* até os dias atuais. Comte-Sponville, nos não tão distantes anos de 1990, chega a questionar como poderia a moral nietzschiana combater figuras como Le Pen. Hoje, o que diríamos de Trump?

de exploração advindas de relações econômicas etc. – nestes termos, a tirania se torna algo bem-vindo. É dado ao homem elevado, por assim dizer, o arbítrio de tyrannizar.

Os nobres e bravos que assim pensam estão muito longe da moral que vê o sinal distintivo do que é moral na compaixão, na ação altruísta ou no *désintéressement* [desinteresse]; a fé em si mesmo, o orgulho de si mesmo, uma radical hostilidade e ironia face à “abnegação” pertencem tão claramente à moral nobre quanto um leve desprezo e cuidado ante as simpatias e o “coração quente”. (NIETZSCHE, 2005a, p. 157)

Esta *moral nobre* – antítese da outra, escrava – com toda a sua carga exclusivista se destina àqueles homens *superiores, senhores, de alta linhagem, predestinados a dominar, oriundos da raça dominante*¹² etc., aos quais, sim, caberia igualdade, porém, apenas *inter pares*. É evidente o fato de estarmos diante de um pensamento nitidamente oposto aos valores humanos promovidos e desenvolvidos desde a virada antropológica socrática até sua cristalização na modernidade, por consequência do iluminismo.

Quanto aos fracos, aos incapazes, esses que pereçam: primeiro princípio de nossa caridade. E há mesmo que os ajudar a desaparecer! O que é mais nocivo do que todos os vícios? – A compaixão que suporta a ação em benefício de todos os fracos, de todos os incapazes. (NIETZSCHE, 2004, p. 39)

O violento Nietzsche, sempre de martelo em punho, destrói todo e qualquer valor de fraternidade em nome dum cruel aristocratismo. Trata-se duma irracional retroação à moral bárbara típica de povos primitivos e não, como alguns pretendem, duma contestação racional e efetiva do estado estabelecido de coisas. Para Alain Boyer, a crítica nietzschiana da igualdade não apresenta caráter algum de inovação ou proveito do ponto de vista filosófico, porém, “continuará ainda por muito tempo a exercer seus efeitos estimulantes sobre todos aqueles que não querem fazer da filosofia uma atividade profissional *como as outras*, e que nela veem uma atividade vital, uma paixão”. (BOYER, 1994, p. 14)

Voltemos agora ao tema do cristianismo. Não é necessário despender grandes esforços para identificar a grande contradição que ele carrega em seu cerne: prega a igualdade entre homens e mulheres a partir da premissa de que todos somos irmãos e iguais diante do pai, ao passo que suas instituições são absolutamente

¹² Menções utilizadas por Nietzsche em invocação ao tipo desejado de homem.

hierarquizadas, em maior ou menor grau, a depender da igreja a que se refere¹³. Isto já basta para que muitos refutem sua doutrina. Ainda mais, em adição a esta incongruência há a rejeição aos dogmas e a alguns princípios metafísicos do evangelho (que remontam à patrística e esta a Platão), de modo que o anticlericalismo se torna uma forte tendência entre aqueles que possuem um espírito mais contestador. Consequentemente, muitas dessas “cabeças pensantes” buscam respostas ou respaldo na filosofia, seja de modo profissional ou entusiástico, e nessa incursão pelo pensamento, a sede de ir contra o dogmatismo as levam a beber naquelas fontes que se apresentam mais acessíveis e, aparentemente, “mais refrescantes”. Essa é a porta de entrada utilizada por muitos, talvez a maioria, daqueles que enveredam pelo nietzschianismo. E a respeito disto comenta Boyer:

O que pode seduzir na condenação obsessiva ao cristianismo feita por Nietzsche, em seu combate patético contra o ideal ascético, é a denúncia feroz da “mentira” da salvação “enquanto objetivo de vida”, ou dos (res)sentimentos como o ódio ao corpo, o medo do pecado, certas formas de piedade etc. Mas seria engano ver aí o motivo profundo da ira nietzscheana [sic]. Numa palavra, não é tanto a *virtude* [enquanto disposição para praticar o bem em detrimento do mal] que é condenada, quanto à pretensão de fazer com que seu privilégio seja compartilhado por todos os homens. (BOYER, 1994, p. 99)

Corroborando a posição de Boyer, vejamos o que o próprio Nietzsche diz no aforismo de número 9 do capítulo “Primeira dissertação”, da obra “Genealogia da moral”:

Atenhamo-nos aos fatos: o povo – ou ‘os escravos’, ou ‘a plebe’, ou ‘o rebanho’, ou como quiser chamá-lo – venceu (...). ‘Os senhores’ estão liquidados; a moral do homem vulgar venceu. Pode-se considerar esta vitória como um envenenamento do sangue (ela misturou entre si as raças) – não contesto; mas indubitavelmente essa intoxicação foi bem-sucedida. A ‘redenção’ do gênero humano (a saber, do jugo dos ‘senhores’) está bem encaminhada; tudo se judaíza, cristianiza, plebeiza claramente (que importam as palavras!). A marcha deste envenenamento através do corpo inteiro da humanidade parece irrefreável, sua cadência e seu passo podem inclusive ser mais lentos a partir de agora, mais delicados, mais inaudíveis, mais cuidadosos – com efeito, há tempo... Todavia a Igreja hoje corresponde, nesse aspecto, uma tarefa *necessária*, possui um direito a existir? Ou se podia prescindir dela? Quaeritur [Pergunta-se]. Estaria que a igreja refreando e moderando aquela marcha, ao invés de acelerá-la? Ora, esta bem poderia ser sua utilidade... Deixando de lado a igreja, continuamos a amar o veneno... (NIETZSCHE, 2005b, p. 48, 49)

¹³ Se Católica Apostólica Romana, Ortodoxa Grega, Anglicana, neopentecostal...

No texto acima fica claro que não seria o cristianismo aquele a quem o filólogo, prioritariamente, combatia; trata-se do seu alvo indireto. A igreja, com sua função de “envenenar” o sangue humano com a moral do escravo é um meio e não o fim. É o homem comum, o povo, os *escravos*, *plebe* ou *rebanho* a quem Nietzsche sugere combate e subjugação, pois “ali onde o povo come e bebe, e mesmo onde venera, o ar costuma feder”. (NIETZSCHE, 2005a, p. 34) É àqueles que ameaçam os “senhores” que seu pensamento vai de encontro. E, como vimos mais acima, é com tais “ameaçados” que Nietzsche se identifica. Nesta medida, é a eles que se dirige todo seu discurso, embora muitas vezes de forma confusa, contraditória e indireta, porém, sempre evidente diante do menor esforço que se faça para que isto se compreenda.

O húngaro György Lukács, um dos maiores filósofos do século XX, na extensa obra a que dedicou o estudo do irracionalismo¹⁴ – *El asalto a la razón* – destaca que Nietzsche elaborou sua ética a serviço daqueles que batizou de *novos homens*, os quais deveriam ser selecionados, educados e disciplinados entre os já mencionados senhores. (LUKÁCS, 1959, p. 281) Neste aspecto – e que se ressalte bem! – de forma semelhante ao ocorrido com *O príncipe*, escrito e dedicado por Nicolau Maquiavel ao poderoso Lourenço de Médici¹⁵, a obra de Nietzsche também tinha um fim político determinado. Se não direcionado a um só indivíduo, a um conjunto deles, a uma classe, uma aristocracia¹⁶. Mas quem seriam esses novos aristocratas?

Para Lukács era claro que o autor se dirigia à burguesia de fins do séc. XIX. Esta era sua aristocracia e a ela serviria seu irracionalismo enquanto reação burguesa ao crescimento da consciência do proletariado. Neste sentido, todo o pensamento de Nietzsche tinha como essência o combate ao povo e a apologia ao capitalismo imperialista, apesar de tais intenções se apresentarem, muitas vezes, de forma indireta, o que não se configura no excerto a seguir, extraído do cap. VIII do “Crepúsculo dos ídolos”, aforismo de número 40, onde o autor elabora um discurso

¹⁴ Corrente filosófica contrária ao racionalismo, que sugere a valorização dos instintos, vontades e individualismo em detrimento da razão. Do ponto de vista epistêmico, segundo os irracionalistas, sendo o ser humano incapaz de conhecer algo sem distorções, o conceito de verdade é algo absolutamente relativo.

¹⁵ Obra magna do escritor e filósofo-político florentino, Nicolau Maquiavel, que tratava de fornecer suporte teórico e instrutivo ao governante da República Florentina, Lourenço de Médici, visando à unificação da Itália, então fragmentada em várias regiões autônomas.

¹⁶ Diferentemente do florentino, o alemão parecia não ter encontrado “alguém à altura” do seu trabalho. Quem sabe, Nietzsche quisesse mesmo dedicá-lo a si, dados o egocentrismo e a afetação com os quais tanto nos deparamos ao longo da sua produção.

franco e direto a respeito da “Questão dos trabalhadores” (ou proletários, ou povo, como queiram):

A questão dos trabalhadores. – A estupidez, no fundo a degeneração de instintos, que é hoje a causa de todo tipo de estupidez, consiste em que haja uma questão dos trabalhadores. Sobre certas coisas não se pergunta: primeiro imperativo do instinto. – Não consigo enxergar o que se pretende fazer com o trabalhador europeu depois de havê-lo transformado numa questão. Este trabalhador se acha bem demais para não fazer cada vez mais perguntas, para não questionar de maneira cada vez mais imodesta. Em última instância ele tem a seu favor o grande número. Desapareceu completamente a esperança de que uma espécie de homem modesto e satisfeito de si, um tipo chinês, constitua uma classe: e haveria uma razão para isso, seria realmente uma necessidade. O que foi feito? – Tudo para aniquilar o germe necessário a isto, – destruíram-se pela raiz, com a irreflexão mais irresponsável, os instintos em virtude dos quais um trabalhador deve ser possível como classe, deve ser possível como ele mesmo. Tornaram-no apto ao serviço militar, deram-lhe o direito de associação, o direito político ao voto: como se pode admirar que hoje ele já sinta sua existência como uma situação de necessidade em si (dita moralmente, como uma injustiça)? Mas que querem? voltamos a perguntar. Querendo-se um fim, é preciso querer também os meios: se alguém quer escravos, é um néscio se os educa para serem senhores. (NIETZSCHE, 2002b, p. 124,125)

Contrariamente aos exegetas do pensamento de Nietzsche, que cuidam em interpretar seu gosto aristocrático, sua oposição ao que é comum, popular, sua defesa do mito e do raro com uma intenção puramente estética, simbólica, a partir da qual o filólogo defenderia o surgimento duma nova cultura aos moldes do classicismo greco-romano ante a decadência cultural burguesa, Lukács afirma:

Precisamente, a sinceridade subjetiva desta falsa missão profética constitui uma importante fonte da influência fascinante que Nietzsche chega a exercer sobre a intelectualidade parasitária do período imperialista: com sua ajuda, ela podia ocultar atrás da máscara da “preocupação pela cultura” sua covardia, sua adaptação às mais repugnantes formas do imperialismo, seu medo zoológico à revolução proletária. (LUKÁCS, 1959, p. 286)

Revolução proletária: a *cabeça de hidra internacional*¹⁷ que pairava sobre as elites industriais europeias a partir da segunda metade do séc. XIX, quando as massas cada vez mais conscientes intensificavam a luta de classes e intelectuais inspirados por ideais libertários conquistavam os espaços populares divulgando o pensamento de filósofos críticos da sociedade capitalista como Proudhon, Bakunin e Marx. Nietzsche, por sua vez, também realizava sua crítica social, é verdade, mas duma forma bem diferente. Neste aspecto, muito embora possamos encontrar ainda naquele

¹⁷ Em carta dirigida ao amigo Carl von Gersdorff, com quem se correspondia com certa frequência, Nietzsche chega a chamar a Comuna de Paris de “cabeça de hidra internacional”. (LUKÁCS apud NIETZSCHE, 1959, p. 263)

século quem visse em seu discurso alguma utilidade progressista¹⁸, o filólogo destrói esta possibilidade quando trata daqueles que criticam os privilégios e defendem a igualdade. Sobre isto, vejamos o que ele diz em “Além do bem e do mal”:

[São] escravos eloquentes e folhetinescos do gosto democrático e suas “ideias modernas”; todos eles homens sem solidão, sem solidão própria, rapazes bonzinhos e desajeitados, a quem não se pode negar coragem nem costumes respeitáveis, mas que são cativos e ridiculamente superficiais, sobretudo em sua tendência básica de ver, nas formas da velha sociedade até agora existente, a causa de *toda* a miséria e falência humana; (...) O que eles gostariam de perseguir com todas as forças é a universal felicidade do rebanho em pasto verde (...); suas doutrinas e cantigas mais lembradas são “igualdade de direitos” e “compaixão pelos que sofrem”. (NIETZSCHE, 2005a, p. 45)

Aí há conteúdo suficiente para que se identifique o posicionamento de classe de Nietzsche. Senão, vejamos: sarcasticamente, o autor denuncia os ditos *escravos eloquentes* e sua obsessão pela busca da *universal felicidade do rebanho*. Superficiais, infantis, desajeitados, são estes defensores da degenerada moral escrava o alvo maior da sua crítica, por não perceberem que a causa da falência da espécie está na ausência de instintos, na compaixão, no almejado nivelamento de todos, e não na *velha sociedade* com seus privilégios e relações de exploração. Ora, na medida em que o filólogo põe seus argumentos ele se posiciona, fatalmente, contra seus combatidos e a favor daquilo que eles combatem!

Nestes termos, democratas liberais, utilitaristas, socialistas, anarquistas, ou seja, todos aqueles favoráveis, em qualquer medida, à dignidade humana, a direitos universais, a estes se destinavam as furiosas marteladas nietzschianas:

O movimento democrático constitui a herança do movimento cristão. (...) [Os] cães anarquistas que erram hoje pelos becos da cultura europeia, aparentemente em oposição aos democratas e ideólogos da revolução pacificamente laboriosos, e mais ainda aos brancos filosofastros e fanáticos da irmandade, que se denominam socialistas e querem a “sociedade livre”, mas na verdade unânimes todos na radical e instintiva inimizade a toda outra forma de sociedade que não a do rebanho autônomo – chegando à própria rejeição do conceito de “senhor” e “servo” (...), unânimes na tenaz resistência a toda pretensão especial, a todo particular direito e privilégio (...) – todos eles unânimes na crença na comunidade redentora, isto é, no rebanho em “si”... (NIETZSCHE, 2005a, p. 90)

¹⁸ Lukács se refere, por exemplo, ao marxista revolucionário alemão Franz Mehring, que chegou a considerar Nietzsche como um elemento de transição que poderia levar a burguesia ao socialismo. (LUKÁCS apud MEHRING, 1959, p. 256, 257)

Para Pierre-André Taguieff “é essa terrível conclusão lógica que gerações de estetas nietzschezantes [sic] e pios exegetas se esforçaram por não ver e esconder ou camuflar”. (BOYER, 1994, p. 265) Inclusive, justificativas de cunho eugenista são empregadas em seus ataques, de modo tão raivoso e irracional que se tornam, simultaneamente, pavorosas e ridículas. Como nosso objetivo não contempla a análise acerca do racismo nietzschiano ou da sua inclinação a pseudociências vamos nos restringir ao pequeno trecho abaixo, visando enfatizar apenas seu viés antipopular.

Quem nos garante que a moderna democracia, o ainda mais moderno anarquismo e, sobretudo, aquela inclinação pela ‘commune’ [comuna], pela forma mais primitiva de sociedade, hoje comum a todos os socialistas da Europa, não signifique em sua essência um gigantesco contragolpe – e que a raça de conquistadores e senhores, a dos arianos, não esteja sucumbindo, inclusive, fisiologicamente? (NIETZSCHE, 2005b, p. 42)

A certeza manifesta de que a apologética nietzschiana é voltada à burguesia europeia, a quem, obviamente, pretendia “aprimorar” ao sabor da sua ética bárbara, pode ser encontrada na última fase da sua produção. Lá nos deparamos com um Nietzsche cada vez mais descomedido, despudorado, que não mede palavras e nem sequer usa de metáforas. Ao que nos parece, atribuir caráter metafórico a declarações como a que encontramos abaixo não passa de puro eufemismo.

Os soldados e seus chefes mantêm ainda relações bem superiores às aquelas existentes entre operários e patrões. Provisoriamente, pelo menos, toda civilização de tipo militar se encontra muito acima de tudo que se chama civilização industrial (...). Nela estão em vigor somente as leis da necessidade: quer-se viver e se é obrigado a vender-se, mas se despreza aquele que explora essa necessidade e que compra o operário. É singular que a submissão a pessoas poderosas que inspiram o temor e mesmo o terror, a tiranos e a comandantes de exército, produza uma impressão muito menos penosa (...). Os fabricantes e os grandes comerciantes mostraram provavelmente até hoje a extrema falta dessas formas e desses sinais que distinguem a *raça superior*, necessárias para tornar interessante uma *personalidade*; se tivessem tido, no olhar e no gesto, a distinção da nobreza hereditária, não haveria talvez socialismo das massas. Porque as massas estão prontas, no fundo, à escravidão. (NIETZSCHE, 2006b, p. 68)

Com total desprezo ao processo histórico e a evolução da racionalidade humana que a história revela, Nietzsche prima pela mitificação da classe dominante. De acordo com ele os capitalistas deveriam se portar como os militares de então ou como antigos aristocratas, com *modos diferenciados*, autoritarismo, *nobreza de sangue*, truculência, de modo a se converterem numa “autoridade superior, a que se obedece, não porque ela manda fazer o que nos é útil, mas porque ela manda”

8(NIETZSCHE, 1999, p. 141,142). O espírito belicoso dos detentores do poder econômico seria suficiente para infundir no povo medo “diante dum intelecto superior que manda” (NIETZSCHE, 1999, p. 142) e, conseqüentemente, mantê-lo num estado inferiorizado de consciência. Esta seria a garantia que teriam os novos aristocratas de que o povo se conservaria apático. O apelo ao mito, com toda sua infalibilidade, vocação e onipotência traz à tona inquestionáveis e plenos poderes, afinal, a *raridade instintiva* é bem-vinda e o mito está isento de qualquer contestação. Inclusive, na decadente sociedade capitalista industrial muitos desses *tipos raros de homens* estariam fadados ao crime, incompreendidos e subutilizados. Como já citamos acima, a tirania não seria uma condição útil à elevação humana? Pois bem:

O tipo criminoso é o tipo de homem forte sob condições desfavoráveis, um homem forte tornado doente. O que lhe falta é a selva virgem, uma natureza e forma de existência mais livre e perigosa, em que *seja legal* tudo que é instinto de homem forte, arma de ataque e defesa. Suas virtudes foram proscritas pela sociedade: seus instintos mais enérgicos, inatos, misturam-se de imediato a afetos deprimentes (...). Quem tem de fazer às escondidas, com tensão, precaução, astúcia prolongadas, aquilo que pode fazer melhor, aquilo que mais gostaria de fazer, torna-se anêmico; e, como a única coisa que obtém de seus instintos é perigo, perseguição, calamidades, também seus sentimentos se voltam contra estes instintos – ele os sente como fatalidade. É em nossa sociedade, em nossa domesticada, medíocre, castrada sociedade, em que um homem vindo da natureza, chegado das montanhas ou das aventuras do mar, degenera necessariamente em criminoso. (NIETZSCHE, 2002b, p. 128, 129)

Numa leviana tentativa de prover justificativa à desejada truculência com a qual a burguesia europeia deveria subjugar o povo, Nietzsche remodela a figura do criminoso comum como um homem raro que, impedido de levar a cabo sua superioridade na degenerada sociedade de então, comete crimes compulsivamente, uma vez que aquela moral escrava que adoece os homens tornando-os fracos e compassivos não o permitiria pôr em prática suas elevadas virtudes. Nestes termos, ficam livres de toda culpa aqueles que praticarem abusos, contravenções, violências, desde que o façam em prol da construção da nova ordem social, culturalmente superior, a exemplo da “*besta loura* que habita no fundo de todas as raças nobres”. (NIETZSCHE, 2005b, p. 57) Com a ética nietzschiana “se abre o caminho aos desalmados (...). [de modo que] as conseqüências de vossa doutrina causarão espantosos estragos e farão perecer um sem número de pessoas” (LUKÁCS apud NIETZSCHE, 1959, p. 281), pois que ela “pretende mostrar o caminho das naturezas

dominantes, uma vez que a elas (bem como ao Estado) tudo é permitido, ao passo que a horda não é livre” (LUKÁCS apud NIETZSCHE, 1959, p.279).

Que fiquem tranquilas as consciências dos egoístas! (LUKÁCS apud NIETZSCHE, 1959, p. 281). E quanto à humanidade, que se abra à chegada da nova aristocracia, pois somente a partir dela poderá ressurgir a verdadeira cultura, mantida e necessariamente viabilizada pela existência indispensável do contingente escravo.

CONCLUSÃO

As palavras de Nietzsche o denunciam. Não são flagrantes como aqueles em que o assassino é pego de arma em punho diante da vítima ainda quente ou como quando a criança é surpreendida com os dedos sujos de tinta à frente da parede manchada; são antes declarações de culpa, francas confissões. A uma afirmação como “uma sociedade superior só pode existir ali onde há duas castas distintas: a dos trabalhadores e a dos ociosos” (LUKÁCS apud NIETZSCHE, 1959, p. 269) não cabem interpretações. Ao passo que textos de igual teor não deveriam sequer gerar interesse hermenêutico em mentes racionais que se pretendem refutadoras da tirania e da miséria e defensoras da dignidade humana, a não ser com o claro objetivo de refutá-los. A única conclusão contrária a isto que poderíamos alcançar é que, caso o filólogo alemão não tenha escrito o que expomos neste trabalho com cruel consciência, tratava-se de alguém que não sabia, absolutamente, o que estava fazendo com sua pena. Ao que Lukács diria, como resposta, que “não há ideologia inocente” e “os filósofos sabem, intuitivamente, o que têm a defender e onde está o inimigo”. (LUKÁCS, 1959, p. 4)

Neste sentido, muito embora tenhamos recorrido a pensadores de correntes filosóficas e épocas distintas para embasar nossa proposta, o fizemos de acordo com aquela característica que todos têm em comum: a de enxergar e denunciar um Nietzsche anti-igualitário, reacionário e irracionalista, a partir dum ponto de vista sóbrio e racional. Sobre isto, Pierre-André Taguieff adverte que inversamente ao que têm feito os apologistas do nietzschianismo por mais de um século, os quais o interpretam com paixão e, assim, afirmam conhecê-lo, “para bem entendê-lo para além do encanto de seu pensamento, é preciso deixar de estar apaixonado por ele”. (TAGUIEFF, 1994,

p. 282) Em trabalho intitulado “O paradigma tradicionalista: horror da modernidade e antiliberalismo; Nietzsche na retórica reacionária”, ele enquadra o filólogo como um “neotradicionalista” cujo antimodernismo é um meio que visa à abolição da instituição democrática em prol do estabelecimento duma nova aristocracia. De forma semelhante, para Luc Ferry e Alain Renaut, a crítica nietzschiana à modernidade remonta à origem da dialética socrática – que tão bem se saiu contra o relativismo sofista de então e com a qual “a plebe se põe acima”¹⁹ – que fora transmitida ao cristianismo para, em seguida, ser tomada por Rousseau e pela Revolução Francesa e, finalmente, pelo socialismo à sua época. (FERRY e RENAUT, 1994, p. 138) Para o materialista André Comte-Sponville, a grande refutação ao nietzschianismo está em assumir o homem, pensá-lo e, assim, aprimorá-lo dentro da sua própria condição histórico-antropológica humana, e não em superá-lo a partir do vitalismo imoralista do “além do homem”, de modo que o pensamento de Nietzsche se torna inaceitável “não porque diz sim ao real ou à vida (...) e sim porque diz não aos homens reais e especialmente não à moral, não à cultura, não à história, não à humanidade do homem – inaceitável, portanto, menos pelo que afirma do que pelo que nega”. (COMTE-SPONVILLE, 1994, p.68) Para Lukács, Nietzsche não trata, a exemplo dos neokantianos, dos positivistas, entre outros, de elaborar uma ética comum a todos os homens, mas “pelo contrário, sua ética é somente, explícita e conscientemente, para a classe dominante: junto a ela e por debaixo dela, há outra moral qualitativamente distinta, a dos oprimidos, que Nietzsche nega e combate apaixonadamente” (LUKÁCS, 1959, p. 288) com sua rebeldia patético-agressiva, em prol duma “revolução” que não possui cunho social, mas um fundo “cósmico-biológico”. (LUKÁCS, 1959, p. 256) De acordo com Boyer, a negação do homem moderno realizada por Nietzsche é, de fato, a afirmação da almejada suplantação do *Homo aequalis* pelo *Homo hierarchicus* a partir duma tônica que se repete à exaustão no transcorrer de toda a sua obra, que é, nada mais nada menos, que o *eterno retorno* da obsessão anti-igualitária. (BOYER, 1994, p. 15)

Finalmente, e irrefutavelmente, vemos que o objetivo de Nietzsche para com a espécie humana era, de fato, acicatá-la à altura duma cultura vigorosa e nova, neste caso, ao menos no que diz respeito a romper com o estabelecido pela civilização

¹⁹ (NIETZSCHE, 2002b, p. 46)

humana na modernidade. Entretanto, cabe definir o que o autor toma por “espécie”. Neste caso, para facilitar nosso entendimento, entreguemo-nos pela primeira e única vez neste trabalho a um recurso tão utilizado pelo próprio autor no decorrer de sua produção, a saber, uma figura metafórica: imaginemos a alegoria composta por um nobre calçado em botas filigranadas de metais preciosos e pérolas reluzentes, esporeando, impiedoso, com agudíssimas rosetas os flancos do animal-plebe-submisso sobre o qual faz montaria. O *além do homem* de Nietzsche não é um advento extensível a todos, mas apenas àqueles homens superiores, àqueles aristocratas, senhores portadores do látego e arreadores de gentes, afinal:

Toda elevação do tipo ‘homem’ foi, até o momento, obra de uma sociedade aristocrática – e assim será para sempre: de uma sociedade que acredita numa longa escala de hierarquias e diferenças de valor entre um e outro homem, e que necessita da escravidão em algum sentido. (NIETZSCHE, 2005a, p. 153)

REFERÊNCIAS

- BOYER, ALAIN et al. **Porque não somos nietzscheanos**, 1ª edição. São Paulo: Editora Ensaio, 1994.
- LENIN, Vladimir. **Dicionário político**: Mehring, Franz. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/m/mehring.htm>>. Acesso em 20 jan. 2018.
- LUKÁCS, György. **El asalto a la razón**: la trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler, 1ª edição. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1959.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**, 7ª edição. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. **La voluntad de poder**, 14ª edição. Madrid: Editorial Edaf, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**, 1ª edição. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo de los ídolos**: o cómo se filosofa con el martillo, 1ª edição. Madrid: Alianza Editorial, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O anticristo**, 1ª edição. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**, 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **La genealogía de la moral**: un escrito polémico, 1ª edição revisada. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**, 1ª edição. São Paulo: Editora Escala, 2006.

RUSSEL, Bertrand. **História da filosofia ocidental**, livro 3, 1ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.